

QUANDO A LUA NÃO APARECE

Ruth Senter

A lua costuma parecer geralmente mais brilhante nas noites claras de maio, no leste da Pensilvânia. Hoje, porém, ela se acha ausente. Tudo está escuro. Noto círculos castanhos sob a lâmpada no corredor quando mamãe nos recebe às duas da manhã, ao chegarmos de Illinois. Noto também círculos castanhos sob os olhos dela. Manchas que eu nunca tinha reparado antes. Pele cansada sob rugas delicadas.

Aqui está ela, minha mãe há 40 anos. Sinto um acúmulo de noites esperando a chegada dos filhos, como se os anos tivessem lançado as sombras da lâmpada sobre o seu rosto. Vejo os anos nas veias negras e azuis que exatamente nesta semana foram examinadas pelo cardiologista. Ouço os anos – como o ruído do oceano ouvido numa concha – no diagnóstico do médico. – Bandeira vermelha...coração aumentado...reduza o ritmo... – Eu olho incerta. Mamãe sempre foi uma rocha firme através dos anos. O amanhã fora uma promessa assumida – uma longa fila de casamentos na família, nascimentos, formaturas, recitais de música, ordenações, Natal, Páscoa, Dia de Ação de Graças. O tempo tem sido um acontecimento e não uma sequência.

Enquanto olho para minha mãe, sinto que alguém deu corda no relógio. O tempo tem agora uma cadência. Os anos se tornaram um diferencial. A história tem um começo e um fim. Tremo no frio da madrugada. Mas, então, os braços de minha mãe me rodeiam de calor e estou em casa. Um filho de 40 anos confortado pelo toque da mãe. Não há tempo no toque, os braços acolhedores não conhecem os anos.

Ouçõ a chaleira assobiando, os biscoitos de chocolate recém-saídos do forno estão à espera na velha bandeja da avó Hollinger. Os biscoitos de chocolate de minha mãe e a bandeja da avó Hollinger me empurram de volta ao infinito. Tomamos chá de hortelã e rimos com uma história boba contada por meu pai. Nosso riso oculta o barulho do relógio. Não há tempo no riso. Mamãe ri mais alto que todos. Círculos negros. Círculos cansados, mas alegres. Seus filhos estão em casa.

Por um momento esqueço as veias machucadas e o tique-taque dos relógios. Estou presa a coisas que não mudam – o bom-dia de uma mãe, biscoitos frescos de chocolate, uma bandeja antiga, chá de hortelã, um relógio de lareira, e risos. Estou presa a um Deus que não muda. Conheço o Deus do tempo que está, todavia, acima do tempo. Esta noite, na face de minha mãe, vejo o estranho paradoxo do tempo e da eternidade. Um vislumbre raro do divino.